

Temporada 1



CAÍDOS EM PERDIÇÃO

Garotos imprudentes que
buscam a diversão acima de
tudo

Vinícius K. P.

Parte I

Jantar de Gala

Era um jantar de gala, especialmente feito pelo casal do barão Domenico Teodor II e da renomada Dulce Florença Rosário III. Este era definitivamente, o evento mais requintado que, do outro lado do salão, parado segurando um rodo com um pano, limpando o chão, estava Oswald Ricardo Augusto. Alguém importante está vindo em sua direção, Oswald percebe isso; ele vira para o lado dele no momento em que ele passara e os dois se trombam:

- Seu verme inextricável! Saia agora de minha frente, antes que eu chame alguém para retirá-lo daqui.

- Mil perdões meu nobre senhor, respeito grandemente sua pessoa, acompanho seus trabalhos, estou sempre espreitando seus negócios, inclusive quero saber mais, como foi sua viagem em Florença? Ah, e muito prazer, Oswald... mas pode me chamar de gusto, é assim que meus amigos me chamam.

Os dois se cumprimentam, o barão se apresenta

meio relutante:

- Ah... a viagem. Foi básica, nada demais, não deu para aproveitar, minha duquesa Felícia [Ele a chama]; queria visitar a Galleria degli Uffizi, não é amor [Ela acena com a cabeça que sim]. E a princípio, coincidentemente, também me chamo Oswald, Oswald Carlo da Silva Augusto I.

- [Fingindo surpresa] Veja só seu Oswald, parece que não estamos tão distantes como pareceu a princípio não é mesmo? Esplêndido! A Galleria degli Uffizi exalta os renascentistas, existem salas dedicadas aos maiores artistas do Renascimento, como Leonardo da Vinci e Rafael, quadros de Botticelli, como Primavera e O Nascimento de Vênus, e obras dos maiores artistas mundiais, como Michelangelo, Tiziano, Durer ou Rubens...

Enquanto Augusto falava sobre a Galleria, a mulher de Oswald se exaltava.

- [Animada] Isso, isso mesmo! Posso não ter ido, mas já li alguns artigos sobre o lugar e é tudo o que você disse!

- [Surpreso] Quer dizer então que já visitastes a tão aclamada, cidade dos artistas?

- Mas é claro, para dizer a verdade, eu nasci lá [Mentindo]; minha família toda são descendentes de italianos, minha avó por exemplo, ainda mora na Itália... e, pensando bem [Fazendo drama], talvez nunca mais possamos vê-la... se eu continuar nesse emprego que nada ganha, ficarei exaurido e nada de dinheiro sobrar para nós a visitarmos.

- Olha, lamento, é muito triste esta história... porém, infelizmente não há nada que possamos fazer [Começa a se despedir].

- [Relutando] Não! Ajude ele, ajude o garoto, ele precisa de nós e nós podemos ajudá-lo sim!

- [Mudando de assunto] Gente, acalmem-se, vamos continuar naquele papo descontraído... não contei aquilo para comover ninguém a me ajudar não, apenas fui me lembrando da trágica situação de minha avó.

Mas agora, sobre a tão esbelta Itália... tem vários locais que gosto de lá! Como o Complexo Monumental do Palácio de Pitti, junto ao Jardim de Bóboli; tem também a Galeria della'Accademia; A estátua de David; a Ponte Vecchio; A Basílica di San Lorenzo; A Basílica di Santa Croce...

- [Excitada com ele] Nossa! Mas você já visitou todos

os lugares importantes da Itália! Isso é fantástico!

- [Sente ciúmes] Esta certo garotinho, você é um culto, um homem de cultura, um renomado nômade!

[Procura a carteira] Vou lhe dar alguns tostões para que você possa ajudar sua avó...

- [Fugindo] Desculpa meu caro senhor, vou dispensar sua solene ajuda desta vez... [Mentindo] pois lembrei que tenho que buscar algumas plantas para fazer medicamentos a minha irmã doente. Até mais!

- [Confuso] Não, mas espere garoto... posso ajudar nisso também. Cadê esta carteira infeliz!

Ele olha para trás e vê outro garoto correndo, dando a volta no salão para sair.

- [Furioso] Ei, seus ladrõezinhos... voltem aqui!

Guardas!

O Augusto corre pelo outro lado, o lado esquerdo do salão e quando ele está saindo, vê uma moça prestes a dar dinheiro para um garotinho. Ele passa do lado, pega rapidamente a carteira e grita:

- [Gritando] Vem!!

Os três saem triunfantemente do salão, dão a volta nele e se encontram atrás dele. Eles discutem o tanto de dinheiro que conseguiram pegar, até que Augusto

lembra, ao escutar grunhidos, que tem dois homens amarrados com panos na boca, ele olha para os outros dois garotos e manda eles se trocarem. Após se trocarem, Augusto pega a roupa, os ternos chiques dos rapazes no chão, joga e diz:

- [Sarcástico] Toma, esta limpinho. Agora vamos rapazes, temos que sair daqui!

Nesse momento, logo após ele dizer isso, eles são cercados por todos os lados. Os guardas pegam e algemam os mesmos. Quando um dos guardas vai amarrar Augusto, eles ouvem um grito de uma mulher... era ela, a Felícia.

- [Gritando] Não!! Deixem eles seus brutamontes!

Augusto olha para ela, dá um sorriso seduzente, e diz:

- [Acalmando ela] Vai ficar tudo bem mileide! Sempre fica tudo bem... [Ele ri e é levado pelos guardas]

A mulher fica confusa, pois o tratamento que ele deu a ela em relação a tudo o que estava acontecendo, foi com extrema normalidade... parecia que eles já estavam acostumados a passar por situações como essa. Fora o modo como ele a chamou, "mileide", mesmo eles estando em Portugal.

A Delegacia

Todos os garotos foram levados à delegacia da cidade; ao chegar lá dois policiais interrogam o grupo. Eles perguntam qual a idade deles, o maior em relação à tamanho, diz que ele tem 16, o menor tem 12 e o do meio tem 17; os policiais perguntam o porquê deles terem entrado de penetra naquele jantar de gala e o maior diz que eles estavam com fome e precisavam de dinheiro para se alimentar; eles perguntam se os garotos tem pais e o menor responde que eles morreram a muito tempo; os policiais percebem que eles falam disso com tanta naturalidade e um deles fica incomodado. Durante a interrogação, eles percebem que o do meio, Augusto, está em silêncio; o guarda pergunta o nome dele e ele responde friamente uma resposta sarcástica; o policial mais brabo se irrita e diz que aquilo não é uma brincadeira e o garoto responde que a vida é uma brincadeira, só basta se divertir. O policial pergunta qual deles é o mandante, qual é o líder,

a cabeça pensante por de trás daquilo.

[Os garotos estão sentados em uma sala de interrogatório, nervosos e inquietos. Dois policiais, um mais bravo e o outro mais calmo, estão diante deles.]

Policial Bravo: [cruzando os braços] Então, qual é a história de vocês? Por que entraram de penetra naquele jantar de gala?

Garoto Maior (16 anos): [olhando para baixo] É que a gente tava com muita fome, senhor. Precisávamos de dinheiro para comer.

Policial Calmo: [com um olhar mais compreensivo] E vocês não têm ninguém para cuidar de vocês? Pais, familiares?

Garoto Menor (12 anos): [com um tom triste] Nossos pais já se foram há muito tempo...

[Os policiais notam como os garotos falam sobre a morte dos pais com naturalidade, o que os deixa desconfortáveis.]

Policial Bravo: [franzindo a testa] Vocês não estão nem aí para a morte dos seus pais?

Garoto Maior: [levantando o olhar] Claro que sim, mas já faz tanto tempo que a gente aprendeu a

conviver com isso. É difícil, mas a vida continua.

Garoto do Meio (Augusto, 17 anos): [mantendo-se em silêncio]

Policia! Calmo: [se dirigindo a Augusto] E você, garoto? Qual é o seu nome?

Augusto: [com uma postura fria] Ah, não vai adiantar de nada vocês saberem meu nome, afinal, somos apenas garotos perdidos, não é mesmo?

Policia! Bravo: [irritado] Isso não é uma brincadeira, moleque! Estamos aqui para resolver um problema sério.

Augusto: [com um sorriso sarcástico] A vida é uma brincadeira, senhor. A gente só precisa aprender a se divertir.

[O policia! bravo fica ainda mais incomodado com a atitude de Augusto, enquanto o policia! calmo tenta manter a calma.]

Policia! Calmo: [tentando entender] Vocês passaram por muitas dificuldades, não é mesmo?

Garoto Maior: [suspirando] Sim, senhor... Mas nós nos cuidamos uns aos outros, e aprendemos a lidar com as adversidades.

Garoto Menor: [olhando para Augusto] O Augusto sempre foi assim, meio filosófico, sabe? Ele diz que tudo tem um propósito na vida.

Augusto: [olhando para o nada] Exatamente, tudo tem um propósito. Até mesmo nós, os Caídos em Perdição.

[Os policiais trocam olhares confusos, tentando entender o significado das palavras de Augusto.]

Policial Bravo: [encerrando o interrogatório] Está bem, por hoje é só. Vamos entrar em contato com o Juizado de Menores. Vocês vão ter que aguardar um pouco.

[Os garotos se entreolham, ainda tensos, mas parecem ter uma conexão única entre eles, como se fossem uma família improvável.]

Os policiais deixam os garotos sós na sala e o menor comenta o como aquele policial ficou exaltado com os comentários do Augusto, o modo como ele se deixou levar pela lábia dele. O maior dá risada e comenta sobre a interpretação do menor na hora de falar dos pais, o como passou um tom de tristeza e melancolia. Eles caçoam por um tempo e escutam os policiais discutindo, comentam brincadeiras em

relação a isso.

[Os garotos estão agora sozinhos na sala de espera da delegacia, enquanto os policiais discutem em outra sala. O clima é tenso, mas logo o menor quebra o silêncio.]

Garoto Menor (12 anos): [olhando para Augusto] Cara, você viu a cara daquele policial quando você deu aquelas respostas? Foi hilário!

Augusto (17 anos): [com um sorriso discreto] É, ele realmente se deixou levar. Às vezes, as palavras têm um poder que nem nós mesmos imaginamos.

Garoto Maior (16 anos): [rindo] Vocês viram a interpretação do nosso pequeno ator aqui? [brincando] Parecia até que ele estava prestes a chorar.

Garoto Menor: [com uma expressão séria] Vocês não entendem... eu não preciso fingir tristeza. A falta dos meus pais é algo que me consome por dentro.

Augusto: [colocando a mão no ombro do menor] Desculpe, não era a intenção dele fazer piada sobre isso.

Garoto Menor: [olhando para o chão] Eu só queria que eles estivessem aqui,

que pudessem nos proteger e nos orientar.

Augusto: [com empatia] Eu entendo, e sei que é difícil para você. Mas saiba que estamos juntos nessa, somos uma família agora.

Garoto Maior: [mudando o clima com uma piada] E essa família vai aprontar altas interpretações como essas!

[Os garotos riem, aliviando um pouco a tensão do momento. Enquanto eles brincam, escutam os policiais discutindo em outra sala.]

Garoto Menor: [rindo] Será que eles também estão contando piadas?

Garoto Maior: [imaginando] Talvez estejam discutindo qual deles é mais durão.

Augusto: [sorrindo] Ou talvez estejam refletindo sobre como lidar conosco.

[Os garotos continuam a fazer piadas e comentários brincalhões sobre os policiais, o que os ajuda a enfrentar a situação com um pouco mais de leveza.]

[Entra na sala um único policial, com vestimentas diferentes, aparentemente mais experiente e perspicaz]

Policial Perspicaz: [com um olhar sério] Bem,

garotos, já ficou claro que vocês estavam todos envolvidos naquele jantar de gala. Mas agora preciso saber: quem é o líder? Quem é o mandante por trás de tudo isso?

Garoto Maior (16 anos): [olhando para os outros garotos] Não somos um grupo com líder, senhor. Nós apenas nos unimos para sobreviver na periferia.

Garoto do Meio (Augusto, 17 anos): [com um olhar pensativo] Não é sobre liderança, é sobre solidariedade. Cada um contribuiu com suas habilidades.

Policial Perspicaz: [cruzando os braços] Não me venham com essa história de solidariedade. Eu sei que sempre há alguém que orchestra as coisas.

Garoto Menor (12 anos): [engolindo em seco] Nós não estamos mentindo, senhor. Somos apenas garotos lutando para sobreviver.

Policial Perspicaz: [olhando para Augusto] E você, rapaz? Tem algo a dizer?

Augusto: [mantendo a calma] Como eu disse antes, somos os Caídos em Perdição. Não há mandante ou líder. Estamos juntos nessa luta.

Policial Perspicaz: [com um olhar desconfiado] Vocês têm alguma proteção, alguém os ameaçando para fazer essas coisas?

Garoto Maior: [firme] Não, senhor. Nós escolhemos nosso caminho, mesmo que seja difícil.

Garoto Menor: [com a voz trêmula] Nós não queremos viver no mundo do crime, mas não vimos outra saída.

Augusto: [olhando nos olhos do policial] É fácil julgar quando não se vive na periferia, não é mesmo? Vocês nos rotulam como criminosos, mas não enxergam o que nos levou até aqui.

Policial Perspicaz: [abaixando a guarda um pouco] Eu entendo que a realidade de vocês seja difícil, mas ainda assim, precisamos da verdade.

Augusto: [com uma expressão séria] A verdade é que somos invisíveis para a sociedade. Não recebemos a ajuda que precisamos, e quando nos unimos para sobreviver, somos vistos como criminosos.

Garoto Maior: [com uma voz firme] Mas nós somos mais do que isso. Somos sobreviventes.

Garoto Menor: [com um olhar determinado] E vamos provar para todos que podemos ser

mais do que a perdição em que nos colocaram.

[O policial fica em silêncio por um momento, refletindo sobre as palavras dos garotos. Ele percebe que eles não são apenas crianças problemáticas, mas jovens que enfrentam desafios e lutas diárias para sobreviver na periferia. A cena termina com um clima de tensão e compreensão mútua.]

Ao fechar este clima com estas reflexões, adentra na sala um superior e o mesmo chega tranquilamente na sala, sem querer passar um ar de temeridade. Ele começa a indagar coisas sobre eles, como; onde afinal eles nasceram (os garotos dizem, mentindo, que nasceram ali mesmo; o investigador superior, diz que foi interrogada uma mulher e esta moça disse que um dos garotos, a chamou de mileide, o que não faz sentido em Portugal, pois este é um tratamento inglês. Os dois garotos, o menor e o maior, olham um para o outro confusos e o Augusto fraze a testa, como se tivesse lembrado de alguém. O policial olha para o lado e Augusto diz com convicção chame-a aqui. O policial diz que não tem permissão para isso e nesse instante, Augusto olha profundamente nos olhos dele e como uma

persuasão sobrenatural ele diz para ele fazer isso agora. O investigador abruptamente diz que vai ver o que pode fazer, chama um outro policial e fala para ele dar um jeito de chamar a moça... nessa hora, Augusto diz: Felícia, este é o nome dela). Ele continua interrogando eles e termina dizendo que eles são suspeitos, pois , foi investigado e eles não estão nos registros de nascimento, não tem documento algum sobre eles, é como se eles nunca tivessem nascido. Os garotos ficam juntamente em completo silêncio, o policial indaga se eles continuaram quietos e se não tem nada a dizer sobre isso e eles continuam silenciosos. O clima acaba assim, silencioso.

[O investigador superior entra na sala de interrogatório, transmitindo uma calma aparente, mas com uma aura de autoridade. Ele senta-se diante dos garotos e começa a fazer suas perguntas.]

Investigador Superior: Então, meus jovens, onde vocês nasceram? É importante sabermos tudo sobre vocês.

Garoto Menor: [mentindo] Nós nascemos aqui mesmo,

senhor.

Investigador Superior: [levantando uma sobrancelha]

Interessante... mas recebi informações de uma moça que disse que um de vocês a chamou de "mileide."

Isso não faz sentido em Portugal, é um tratamento inglês. Por que ela diria isso?

Garoto Maior: [confuso] Mileide? Não temos ideia do que ela está falando.

Augusto: [franzindo a testa] [olhando nos olhos do investigador] Chame-a aqui.

Investigador Superior: [relutante] Eu não tenho permissão para isso.

Augusto: [de forma persuasiva] Faça isso agora.

[O investigador parece ficar momentaneamente subjugado pela insistência de Augusto e vai chamar outro policial para trazer Felícia até a sala.]

Augusto: [lembrando] Felícia! O nome dela é Felícia.

Investigador Superior: [surpreso] Sim, é exatamente isso! Como você sabia?

[Augusto não responde]

Investigador Superior: [voltando a se concentrar nos garotos] Bem, enquanto ela não chega, continuemos com o interrogatório. Foi investigado,

e vocês não estão nos registros de nascimento, não possuem documentos. É como se nunca tivessem existido oficialmente. [analisando os garotos] Isso é intrigante... suspeitos sem passado, sem identidade. [Os garotos ficam em completo silêncio, absorvendo a gravidade da situação. O policial encerra o interrogatório, mas o clima pesado e silencioso ainda paira sobre a sala.]

Investigador Superior: [levantando-se] Por enquanto, deixaremos isso em aberto. Mas estejam cientes de que continuaremos investigando. Esperem mais um pouco aqui.

Garoto maior: [Em dúvida] Ficaremos aqui por quanto tempo?

Garoto menor: [Melancólico] Estamos com fome ainda, não comemos nada [Mentindo] naquele jantar de gala.

Augusto: Faremos do nosso jeito a partir de agora, traga algo para meus irmãos comerem e quem sabe podemos revelar algumas informações verídicas para seu corpo de investigação.

Investigador Superior: Certo! [Ele olha para um guarda] Pegue algo para estes garotos comerem.

Passa um tempo e entra um outro policial inferior aquele, Augusto começa a indagar e de repente, entra uma bela donzela com um vestido roxo, cabelos loiros, olhos azuis e um olhar encantador. As palavras de Augusto são interrompidas abruptamente por esta nova atmosfera de beleza. Os dois garotos, maior e menor, enquanto comem desastrosamente, se sujando, ficam boquiabertos e o menor deixa escapar um "uau". Ela delicadamente, chega e se senta. O investigador superior observa e analisa fora da sala, numa janela, como se fosse uma câmara. Augusto olha para ela e com sedução a elogia. Ela agradece de um modo fofo e logo em seguida faz uma pergunta séria, perguntando o porquê afinal ele (ela ignora os outros dois e eles se sentem ofendidos, mas não dizem uma palavra) estava disfarçado naquele jantar. Augusto inteligentemente disfarça e ignora a pergunta dela, perguntando o porquê dela estar com aquele cara feito de imagens sociais. Ela confusa porque "Quê?" e ele diz que o homem com o qual ela se casou apenas a desmerece e a usa como status. Ela fica sentida e reconhece que aquilo é verdade. O

investigador superior, fora da sala, se altera e entra na sala dizendo que chega de brincadeiras e joguinhos e manda ela sair da sala. Ela se despede com graciosidade de Augusto e a cena acaba.

Augusto: [com um sorriso] Bem, quem temos aqui? Uma visão divina em meio a um ambiente tão comum.

Garoto Menor: [enquanto come desastradamente] Uau, ela é linda!

Garoto Maior: [também admirando] Concordo, cara. [A donzela agradece aos elogios de forma adorável, mas logo se mostra séria ao fazer uma pergunta direta a Augusto.]

Donzela: [curiosa] E você, meu caro, o que estava fazendo disfarçado naquele jantar de gala, afinal?

Augusto: [inteligentemente] Oh, minha querida, sou apenas um amante da arte da atuação. Gosto de me entrelaçar na tapeçaria da vida, interpretando diferentes papéis.

Donzela: [ainda curiosa] Entendo... mas por que você escolheu se disfarçar naquele evento específico?

Augusto: [desviando o olhar, com um sorriso malicioso]

Quem pode resistir a uma festa tão glamorosa e cheia de intrigas?

Donzela: [intrigada] Hmm, interessante. E vocês dois? [ignora os outros garotos]

Garoto Maior: [um pouco ressentido] Nós só estávamos com fome e precisávamos de dinheiro para comer.

Garoto Menor: [tenta se explicar] É, é isso mesmo. [O investigador superior observa a interação entre Augusto e a donzela através de uma janela fora da sala, com uma expressão pensativa.]

Augusto: [dirige sua atenção novamente à donzela] A propósito, você e aquele cara feito de imagens sociais... o que te atrai nele?

Donzela: [surpresa] Como assim?

Augusto: [com perspicácia] Ele apenas te desmerece e usa sua imagem como um troféu para exibir aos outros.

Donzela: [com certo desconforto] Bem... talvez haja um pouco de verdade nisso.

[O investigador superior, irritado com a situação, entra abruptamente na sala.]

Investigador Superior: [irritado] Chega de

brincadeiras e joguinhos! Você, mocinha, saia daqui imediatamente! Donzela: [se despede com graciosidade de Augusto] Até mais, meu contador de histórias. [A cena se encerra com a saída da donzela, deixando um clima de inquietação e curiosidade no ar. O investigador superior olha seriamente para Augusto e os outros dois garotos, demonstrando sua insatisfação com a situação.]

O investigador superior diz que agora sim eles verão o que é bom para eles, saí da sala e... entra, simplesmente, um homem com uma expressão corporal digna de um major e expressões faciais sérias e autoritárias. Era meramente, o comandante daquele corpo policial. Ele se apresenta, fazendo uma pergunta retórica, perguntando se eles sabem quem ele é. O menor responde que ele é o chefe das formiguinhas; o maior ri e Augusto diz que ele está certo, que não tem porque se incomodar, sendo que é desse modo que funciona, são meros fantoches. O comandante diz umas palavras e chama um homem na sala, cujo, Augusto e o garoto maior reconhecem... era o barão Oswald, o homem que eles haviam roubado. O barão diz que são eles mesmos, esses

garotos o roubaram e envergonharam sua honra em frente a sua donzela. Os garotos fingem não saber quem é ele, mostram não saber do que se trata a situação. Oswald, insiste em dizer que foram eles; o comandante o dispensa e diz que enquanto eles não disserem a verdade, continuaram ali ou serão levados à um reformatório cheio de crianças problemáticas. Augusto, vilmente, olha para o comandante, sem dizer uma se quer palavra, o Comandante olha para um guarda e diz que pode liberar eles, meio confuso do porque tomou essa decisão.

[O investigador superior sai da sala, dando lugar a um homem de postura imponente e olhar autoritário, o comandante do corpo policial. Ele se apresenta de forma enigmática, fazendo uma pergunta retórica.]

Comandante: [com voz firme] Sabem quem sou eu?

Garoto Menor: [com uma pitada de sarcasmo] O chefe das formiguinhas?

Garoto Maior: [ri] Essa foi boa!

Augusto: [com um sorriso irônico] Exatamente, meu caro. Somos apenas peões em um jogo muito maior, fantoches nas mãos dos poderosos.

Comandante: [sério] Vocês acham isso engraçado?
Pensam que podem brincar com a justiça?

Garoto Maior: [com ironia] Só estamos vivendo a vida, senhor.

Comandante: [erguendo a sobrancelha] Viver a vida à custa dos outros não é algo que deveriam se orgulhar. [A porta da sala se abre, revelando um homem que os garotos reconhecem imediatamente como o barão Oswald, o homem que haviam roubado. Ele acusa os garotos e demonstra seu descontentamento com a situação.]

Barão Oswald: [irritado] São esses garotos! Eles me roubaram e envergonharam minha honra diante de minha donzela!

Garoto Menor: [fingindo inocência] Desculpe, senhor, mas não sabemos do que está falando.

Augusto: [fazendo pouco caso] Sim, senhor, não temos ideia de quem seja você ou do que esteja falando.

Barão Oswald: [insistente] Não adianta mentirem! Vocês sabem muito bem o que fizeram.

[O comandante olha para um guarda na sala,

após Augusto olhá-lo profundamente, tomando uma decisão inesperada.]

Comandante: [decidido] Podem ir. Mas saibam que enquanto não disserem a verdade, ficarão sob nossa mira. Não hesitarei em levá-los para um reformatório cheio de crianças problemáticas.

Augusto: [vilmente] Se é assim que quer, senhor...

A Captura

Estes pestinhas livraram-se com maestria de mais uma enrascada! Saíram ainda, triunfantes, borbulhantes e saltitantes. Comemoraram a vitória e ainda caçoaram em demasia os policiaes, o investigador e o comandante. Sem alívios, pois na realidade, jamais estiveram tensionados... sabiam que sairiam ilesos desta vã situação. O garoto menor comenta sobre como, com um mero olhar intimidador, eles foram liberados... ele elogia Augusto, mas ele responde, fazendo uma analogia, que a vida é como um jogo de xadrez. Entre risos e filosofias, eles seguem discutindo a vida.

Garoto Menor: (rindo) Augusto, tu é demais! Só o teu olhar naquele momento fez aqueles policiaes se contorcerem e nos soltarem num piscar de olhos!

Augusto: (sorrindo) Ah, não foi nada demais, só usei o poder da persuasão, meu amigo.

Garoto Maior: (ri) Persuasão é pouco! Aquele investigador ficou mesmo intimidado com a gente.

Acho que ele não estava preparado para enfrentar a nossa astúcia!

Garoto Menor: (orgulhoso) É verdade! Somos verdadeiros mestres da fuga e da esperteza! Augusto: (fazendo uma analogia) A vida é como um jogo de xadrez, sabem? Cada movimento que fazemos é estratégico e pensado com cautela.

Garoto Maior: (interessado) E como num jogo de xadrez, precisamos antecipar os passos do adversário e agir com inteligência para alcançar a vitória!

Garoto Menor: (entusiasmado) Sim! E quando estamos juntos, somos imbatíveis!

Augusto: (sorrindo) Isso mesmo, somos um time perfeito. Cada um contribuindo com suas habilidades únicas.

Garoto Maior: (brincando) E aí, quando os policiais finalmente se tocam do que aconteceu, já somos apenas uma nuvem de poeira no horizonte!

Garoto Menor: (ri) Eles nem sabem o que os atingiu!

Augusto: (com um ar de sabedoria) A vida é uma série de desafios, e é preciso aprender a enfrentá-los com confiança e bravura.

Garoto Maior: (filosofando) Cada enrascada é uma oportunidade de mostrarmos nossa astúcia e coragem!

Garoto Menor: (refletindo) E o melhor de tudo é que sempre saímos vitoriosos!

Os garotos chegam no beco em que costumavam ficar, mas ao chegar lá uma investigação policial aparentemente está acontecendo no local. Os policiais reviraram tudo e pegaram um ursinho para análise, pois, o garoto menor ao perguntar supostamente aflito, o porquê que pegaram seu animal de pelúcia, um dos policiais grosseiramente, respondeu que sabem que eles estavam escondendo algo naquele ursinho; o garoto maior interrompe dizendo ironicamente se ele não está vendo que o menino é só uma criança; o policial responde dizendo que pode até ser criança, mas é a criança mais espertalhona que eles já viram. Augusto fica quieto o tempo todo, até ele chegar no policial, erguer a cabeça dele e dizer para ele devolver o ursinho. O rapaz, magicamente devolve, o ursinho já estava num saco plástico; o Augusto tira e coloca o saco plástico no bolso do policial, dizendo depois para não poluir

o mundo, sarcasticamente claro. Os policiais param e observam, um deles chega no policial que foi intimidado por Augusto e pergunta o que ele está fazendo, diz para ele pegar o ursinho de novo, mas ele nem se mexe; então ele mesmo vai e tenta pegar, nesse momento o garoto menor grita um "não" ensurdecador e todos, exceto os garotos, colocam a mão nos ouvidos. Quando o grito termina, o garoto maior chega no policial que ele supôs ser o principal daquela ação e diz que eles só querem o espaço deles para dormir, pois estão cansados. O mesmo policial diz que está tudo certo e que eles já podem ir, o policial que tentou pegar o ursinho, relutando, pergunta se eles devolverão... Augusto que estava olhando para outra direção, fixa o olhar nele e balança a cabeça que... sim? Exato, ele devolveu, os outros dois garotos ficaram sem entender, confusos. E os policiais vão embora, meio satisfeitos e completamente surdos.

Garoto Menor: (apreensivo) Ei, por que estão pegando meu ursinho?

Policial 1: (grossamente) Sabemos que vocês estão escondendo algo aí dentro. Deve ter algo nesse

bicho de pelúcia!

Garoto Maior: (irônico) Vocês não estão vendo que ele é só uma criança?

Policial 1: (responde sarcástico) Pode ser criança, mas é a criança mais espertalhona que já vimos.

Augusto: (silencioso até agora) Devolva o ursinho.

Policial 1: (surpreso) O quê?

Augusto: (firme) Devolva o ursinho.

Policial 1: (retira o ursinho do saco plástico e devolve) Aqui está.

Augusto: (coloca o saco plástico no bolso do policial)

Não polua o mundo. (sarcasticamente)

Outro Policial: (se aproxima) O que está acontecendo aqui?

Policial 1: (relutante) Ele pegou o ursinho de volta...

Outro Policial: [Mandando] Pegue de novo! [O policial 1 se mantém em silêncio] Seu inútil! (tenta pegar o ursinho) Eu vou...

Garoto Menor: (grita ensurdecedor) NÃO!

(Todos colocam as mãos nos ouvidos por causa do grito)

Garoto Maior: (firme) Só queremos nosso espaço para dormir. Estamos cansados.

Policial Principal: (conciliador) Está tudo bem. Podem ir.

Outro Policial: (relutante) Mas e o ursinho?

Augusto: (fixa o olhar no policial e balança a cabeça afirmativamente).

Garoto Menor e Garoto Maior: (confusos) O quê? Como assim?

Logo que os policiais saem o Augusto faz gestos para eles se aproximarem e ao se aproximar eles veem o que está nas mãos dele; o garoto menor comemora que ele conseguiu pegar o que estava dentro do ursinho sem ninguém ver e o maior comenta que eles vão analisar aquele ursinho à toa. Augusto guarda aquilo (misterioso) e eles começam a conversar; o garoto menor diz que eles precisam de mais diversão e o maior diz que está tudo um tédio.

Augusto: (faz gestos para os garotos se aproximarem)

Garoto Menor: (curioso) O que é isso? Você conseguiu pegar alguma coisa do ursinho?

Augusto: (sorrindo) Sim, consegui! Olhem só! (mostra o objeto misterioso)

Garoto Menor: (comemorando) Incrível! Como você fez isso sem que ninguém visse?

Garoto Maior: (ri) Esse Augusto é mesmo esperto. Os policiais vão analisar aquele ursinho à toa.

Augusto: (guarda o objeto no bolso) Exatamente!

Garoto Menor: (entusiasmado) Isso é emocionante!

Mas, sabe, precisamos de mais diversão. Está tudo tão entediante ultimamente.

Garoto Maior: (concordando) Você tem razão. As coisas têm ficado monótonas por aqui.

Augusto: (pensativo) Talvez esteja na hora de buscarmos novas aventuras, de explorarmos novos lugares. O mundo é vasto, e nós podemos descobrir tantas coisas interessantes.

Garoto Menor: (animado) Sim! Vamos sair por aí, explorar o mundo, encontrar novas emoções!

Garoto Maior: (empolgado) Isso mesmo! Chega de ficar parados aqui. Vamos viver de verdade!

Conversaram a noite toda como sempre e depois decidiram dormir. Como se não bastasse a movimentação das ruas, ainda aparece no beco deles várias pessoas com uma carroça fechada. Eles estão confusos buscando entender tudo isso, os dois garotos veem Augusto sendo levado e Augusto grita para eles fugirem, mas eles ignoram e vão atrás. Os

dois tentam adentrar na carroça, mas são chutados para fora. O garoto menor começa a despencar em lágrimas e o maior abraça ele dizendo que eles conseguiram achá-lo independentemente de para onde será levado.

Garoto Menor: (confuso) O que está acontecendo? Quem são essas pessoas?

Garoto Maior: (preocupado) Não sei, mas algo não está certo. Vamos nos esconder e tentar entender o que está acontecendo.

(Eles se escondem em um canto escuro do beco e observam a movimentação das pessoas com a carroça.)

Garoto Menor: (nervoso) Será que estão procurando por nós?

Garoto Maior: (acalmado-o) Não sei, mas temos que ficar atentos. Se algo acontecer com o Augusto, precisamos ajudá-lo.

(Eles observam enquanto Augusto é levado para dentro da carroça.)

Augusto: (grita para os garotos) Fugam! Não deixem que eles os peguem também!

Garoto Menor: (decidido) Não podemos deixar que

o levem assim! Vamos atrás dele!

Garoto Maior: [Repreensivo] Não, espere!

(Eles correm em direção à carroça, mas são impedidos por algumas pessoas que estão vigiando.)

Garoto Menor: (tentando entrar) Deixe-nos ver o nosso amigo!

Vigia: (chuta os garotos para fora) Saiam daqui! Isso não é da conta de vocês!

(Eles caem no chão e se olham, desesperados.)

Garoto Menor: (chorando) O que vamos fazer agora? E se nunca mais virmos o Augusto?

Garoto Maior: (abraçando-o) Nós o encontramos algumas vezes, vamos encontrá-lo novamente, não importa para onde o levem.

Garoto Menor: (snifando) Mas e se ele estiver em perigo?

Garoto Maior: (com determinação) Então nós o resgataremos! Vamos reunir nossa coragem e nossa astúcia. Nada nos deterá para encontrar nosso irmão.

Garoto Menor: (olhando para o garoto maior com admiração) Você está certo. Somos os Caídos em Perdição, e não abandonamos nossos amigos.

Garoto Maior: (sorrindo) Exatamente. Agora, precisamos descobrir para onde eles levaram o Augusto e como podemos encontrá-lo.

(Eles se levantam e se preparam para enfrentar o desafio que têm pela frente. Unidos pela irmandade e determinação, os dois garotos seguem em busca de pistas e respostas. Nada os deterá em sua missão de encontrar e resgatar seu irmão, mesmo que isso signifique enfrentar perigos desconhecidos e desafiar as adversidades. A jornada dos Caídos em Perdição continua, cheia de emoção e coragem, enquanto eles se lançam em uma busca incansável por seu irmão desaparecido.)

A Busca pelo Irmão

Os anos se arrastaram lentamente desde aquele fatídico dia em que Augusto, o irmão mais novo dos garotos, foi brutalmente arrancado de suas vidas pelos policiais autoritários. A paisagem das aldeias portuguesas parecia carregar o peso do tempo, as casas de pedra e ruas estreitas testemunhas silenciosas das histórias que se desenrolaram.

O Garoto Maior, agora chamado Pedro, envolto em uma aura de determinação sombria, encontrou refúgio nas aldeias remotas do interior. Ele se tornou conhecido como "O Vigilante das Colinas", um protetor das comunidades rurais contra a opressão e a injustiça. Seus olhos profundos, ocultos por um olhar intenso, guardavam os segredos de séculos de existência. O Vigilante lutava com uma força sobre-humana, mas ocultava sua verdadeira natureza com cuidado, desviando das atenções curiosas.

Enquanto isso, o Garoto Menor, um artista habilidoso, procurou refúgio nas vielas agitadas de

Lisboa. Seus trabalhos em madeira retratavam a história e a essência do povo português, contando histórias silenciosas para os que tinham olhos para ver. Sua expressão séria ocultava uma sabedoria milenar, e ele se tornou uma figura de respeito entre os círculos artísticos. Batizado como Miguel, teve uma trajetória bem diferente. Encontrou abrigo em um grupo de artistas ambulantes que viajavam de cidade em cidade, apresentando suas habilidades circenses. Com sua agilidade e destreza, Miguel se tornou um talentoso acrobata e malabarista. Sua personalidade adaptável, extrovertida e carismática o tornou querido por onde passava.

Após muitas experiências separados, a vida finalmente os reuniu novamente. Pedro e Miguel se encontraram por acaso em uma feira local. O olhar de surpresa e emoção ao se reconhecerem foi um momento de pura intensidade. Abraçaram-se como se o tempo não tivesse passado, os anos de separação se desfazendo em um instante. As vicissitudes do tempo eram notáveis, tudo parecia estar como eles tinham deixado quando se separaram anos atrás.

Pedro: (Emocionado) Miguel, meu irmão! Não posso acreditar que é você!

Miguel: (Lágrimas nos olhos) Pedro, eu nunca pensei que te veria novamente!

Pedro: (Sorrindo) Olhe para nós, Miguel. Parece que o tempo parou desde que nos separamos.

Miguel: (Assentindo) É verdade, Pedro. Tudo parece tão familiar, como se estivéssemos de volta àqueles dias de infância.

Pedro: (Olhando ao redor) A feira, as barracas, as pessoas... Tudo está como era antes. É como se o tempo tivesse nos dado uma segunda chance.

Miguel: (Curioso) E como têm sido esses anos para você, Pedro? Onde esteve? O que fez?

Pedro: (Suspirando) Foram anos difíceis, Miguel. Eu vagava pelas estradas, buscando respostas sobre o que aconteceu com Augusto. Acabei me tornando um homem das colinas, protegendo os indefesos da opressão.

Miguel: (Impressionado) Um protetor das colinas... Parece algo saído de uma história.

Pedro: (Com um sorriso triste) Minha vida se tornou uma história, Miguel. Uma busca incessante por

justiça e pelo nosso irmão.

Miguel: (Sério) E você encontrou alguma pista sobre Augusto?

Pedro: (Olhando nos olhos de Miguel) Sim, Miguel. Tenho pistas de que algo sombrio está acontecendo, algo que envolve jovens como nós sendo levados e testados. Tenho a sensação de que estamos mais perto do que nunca de encontrar Augusto.

Miguel: (Determinado) Então, o que faremos, Pedro? Como vamos resgatar Augusto e os outros?

Pedro: (Pensativo) Temos que ser cautelosos, Miguel. Não sabemos com quem estamos lidando. Vamos precisar de um plano elaborado, estratégia e coragem.

Miguel: (Decidido) Conte comigo, Pedro. Estou disposto a fazer o que for preciso para trazer Augusto de volta para casa.

Pedro: (Apertando o ombro de Miguel) É bom ter você de volta, meu irmão. Juntos, seremos mais fortes e faremos o impossível para desvendar esse mistério e resgatar Augusto.

Os irmãos traçaram um plano meticuloso para resgatar Augusto e os demais. Decidiram que

o primeiro passo era investigar mais sobre esse laboratório e descobrir sua localização exata. Combinaram de se infiltrar nas informações dos policiais e espões, explorando as sombras para encontrar a verdade.

Pedro e Miguel usaram suas habilidades individuais para coletar informações e descobriram que o laboratório estava escondido em uma área remota da floresta. Determinados a libertar seus irmãos e impedir a crueldade que estava acontecendo, eles elaboraram um plano ousado.

O plano consistia em criar uma distração para os guardas do laboratório enquanto eles invadiam o local. Pedro usaria sua força para criar tumulto, enquanto Miguel usaria suas habilidades de acrobata para se infiltrar sorrateiramente no complexo. Eles tinham um plano de comunicação através de sinais sonoros para coordenar seus movimentos.

Pedro: (Com os braços cruzados) Precisamos agir com cuidado e precisão, Miguel. Não podemos dar chance para que eles percebam o que estamos tramando.

Miguel: (Assentindo) Concordo, Pedro. Precisamos

ser fantasmas nas sombras, invisíveis aos olhos deles.

Pedro: (Pensativo) O primeiro passo é descobrir mais sobre a localização exata desse laboratório. Temos que saber cada entrada e saída, cada possível rota de fuga.

Miguel: (Com determinação) Farei isso, Pedro. Usarei minha agilidade para me infiltrar nos arquivos e mapas dos policiais. Eles não vão nem perceber.

Pedro: (Apoiando) Ótimo, Miguel. Enquanto isso, eu criarei uma distração para os guardas. Vou causar um alvoroço do lado de fora, desviando a atenção deles.

Miguel: (Com um sorriso) Você sempre foi bom em chamar a atenção, irmão.

Pedro: (Sorrindo) Alguém tem que fazer o trabalho sujo, não é?

Miguel: (Rindo) Isso mesmo. E então, como nos comunicaremos?

Pedro: (Pensativo) Usaremos sinais sonoros. Três assobios curtos para avançar, dois para recuar, e um longo para perigo.

Miguel: (Assentindo) Sim, simples e eficaz. E

quanto ao resgate em si? Como entraremos no laboratório?

Pedro: (Olhando fixamente para Miguel) Aí que entra a parte arriscada. Você, meu ágil irmão, se infiltrará pelo telhado. Enquanto isso, eu vou criar a confusão lá fora.

Miguel: (Com determinação) E uma vez lá dentro, como encontraremos Augusto e os outros?

Pedro: (Com um olhar determinado) Vamos seguir os gritos sarcásticos, Miguel. Eles são afrontosos e desesperadores, e seus gritos serão nossa trilha.

Miguel: (Sério) Então é isso. Vamos salvar nossos irmãos e acabar com essa crueldade.

Pedro: (Colocando a mão no ombro de Miguel) Vamos, Miguel. Vamos mostrar a esses opressores que os caídos também podem lutar.

A noite escolhida finalmente chegou. Enquanto Pedro causava uma comoção do lado de fora, Miguel se infiltrava nas sombras do laboratório. Ele conseguiu abrir caminho através das barreiras de segurança e entrar no prédio. Lá dentro, ele descobriu uma sala onde os garotos estavam sendo mantidos em condições precárias.

Usando sua destreza e agilidade, Miguel libertou os garotos um a um e os guiou para fora do laboratório, onde Pedro estava esperando. Com lágrimas de alívio e alegria, os irmãos se reuniram com seus companheiros perdidos.

A missão de resgate foi um sucesso? Os mais de cem garotos agradecem, porém Pedro percebe que está faltando alguém, o mais importante, sim, Augusto. Ele avista um cientista correndo e corre na direção dele; com habilidade ele derruba ele e o neutraliza, o ameaçando e perguntando onde está o Augusto. O homem se faz de desentendido e quando o Pedro está prestes a bater nele, Miguel aparece dizendo para soltá-lo, que violência não vale a pena e não fará ele contar nada. Eles sabiam que sua luta estava longe de terminar. Determinados a expor a verdade por trás desses experimentos cruéis e levar os responsáveis à justiça, os irmãos uniram forças com os garotos resgatados para iniciar uma jornada que mudaria o rumo de suas vidas e desvendaria segredos sombrios que ameaçavam a todos.

Pedro: (Gritando) Liberdade para os nossos irmãos!
Justiça para Nós!

Do lado de dentro, Miguel enfrentava os desafios com determinação. Ele sabia que cada passo contava, cada silêncio mantido o mantinha oculto dos olhos atentos dos guardas. Ele se aproximou de uma porta trancada e, com um movimento rápido, conseguiu abrir a fechadura. O som suave do metal cedendo ecoou na escuridão.

Miguel: (Sussurrando) Vamos lá, Miguel, você consegue. Ao entrar na sala, o coração de Miguel se apertou ao ver a visão diante dele. Garotos, muitos deles jovens como eles, estavam encurralados em celas estreitas e sujas. Seus olhares vazios e cansados refletiam a dor que haviam enfrentado. Um a um, Miguel abriu as celas, silenciosamente indicando o caminho para a liberdade.

Miguel: (Sussurrando) Sigam-me, com cuidado. Vamos sair daqui juntos.

Os garotos, com expressões mistas de esperança e desconfiança, seguiram Miguel pelos corredores sombrios. Enquanto isso, Pedro continuava causando uma distração do lado de fora.

Pedro: (Gritando) Eles não podem mais nos calar! A verdade será revelada!

Finalmente, Miguel e os garotos emergiram das profundezas do laboratório, encontrando Pedro esperando por eles.

Garoto 1: (Com lágrimas nos olhos) Obrigado por nos salvar.

Miguel: (Com ternura) Vocês são livres agora.

Os garotos se abraçaram em alívio e alegria, formando um círculo de camaradagem e gratidão.

Foi então que Pedro percebeu a ausência mais dolorosa.

Pedro: (Com urgência) Esperem! Onde está Augusto?

Um homem de jaleco branco passou correndo e Pedro não hesitou, lançou-se sobre ele, derrubando-o no chão. Sua voz tremulante estava repleta de raiva e determinação.

Pedro: (Rugindo) Onde está Augusto? Onde vocês o mantêm?

O cientista tentou se fazer de desentendido, mas antes que Pedro pudesse agir com mais violência, Miguel apareceu, segurando o braço de Pedro com firmeza.

Miguel: (Com calma) Pedro, não. A violência não

nos levará a lugar nenhum.

Pedro: (Olhando para Miguel, respirando pesadamente) Eu... eu preciso encontrar Augusto.

Miguel: (Soltando o cientista) Nós encontraremos, juntos. Vamos descobrir a verdade, mas com cabeça fria.

Os dias se arrastavam, e a ausência de Augusto pesava como uma âncora nos corações dos garotos.

Pedro, embora abalado, não permitia que a desesperança os dominasse. Ele se recordava da força e da determinação que seu irmão sempre exibia, mesmo nos momentos mais difíceis. Inspirado pelo espírito resiliente de Augusto, Pedro subiu a um local alto e olhou para os cem garotos reunidos abaixo.

Seus olhos refletiam determinação e coragem, e ele falou com paixão e motivação. Suas palavras eram como um farol, guiando-os através da escuridão:

Pedro: (Com voz firme) Meus amigos, sei que estamos passando por tempos difíceis, e a ausência de Augusto nos deixa com um vazio em nossos corações. Mas eu vos peço, não deixem que

a desesperança nos domine. Lembrem-se do espírito inquebrantável que meu irmão sempre carregou consigo. Mesmo nas situações mais sombrias, ele nunca se rendeu.

Garoto 1: (Com olhos marejados) Mas como podemos continuar sem ele, Pedro?

Pedro: (Com empatia) Eu sei que pode parecer impossível, mas é nesses momentos que precisamos encontrar a força dentro de Nós. Augusto não desistiria de Nós, e Nós também não devemos desistir dele. Somos uma família, unidos por laços que vão além do sangue. E juntos, somos mais fortes do que qualquer desafio que possa surgir.

Garota 1: (Com voz trêmula) E se nunca conseguirmos encontrá-lo?

Pedro: (Com convicção) Encontraremos, eu tenho certeza disso. Vamos seguir o exemplo de Augusto, enfrentando cada obstáculo com coragem e determinação. Cada passo que damos nos aproxima dele, e cada desafio que superamos nos fortalece. Não podemos deixar que a escuridão nos engula. Nós somos os Caídos em Perdição, e

juntos, vamos trazer Augusto de volta para casa.

Garoto 2: (Com um sorriso determinado) Você tem razão, Pedro. Vamos lutar por ele, por todos nós!

Pedro: (Com um sorriso esperançoso) Assim é que se fala! Unidos, podemos superar qualquer adversidade. Vamos honrar o legado de Augusto e mostrar ao mundo do que somos capazes. Juntos, seremos a luz que ilumina nosso caminho através da escuridão.

Garotos: (Em coro) Juntos pela justiça, pela esperança, pelos Caídos em Perdição!

Pedro: (Com determinação) Sim, meus amigos. Juntos, não há limites para o que podemos conquistar. Avante, Caídos! Avante pela busca de Augusto e pela verdade que buscamos!

As palavras de Pedro ecoaram através das colinas, envolvendo todos os garotos em uma aura de esperança. Eles sabiam que precisavam seguir em frente, não importava o quão difícil a jornada pudesse ser. A decisão estava tomada: eles se uniriam, formariam um grupo unido e determinado a encontrar Augusto, trazê-lo de volta e enfrentar a injustiça que haviam testemunhado.

E assim, os garotos migraram para um galpão

abandonado nas colinas, que se tornou o quartel-general do recém-formado "Clan dos Caídos em Perdição". Ali, eles compartilharam histórias, habilidades e estratégias. Um senso de camaradagem e propósito os uniu, e a chama da esperança começou a brilhar mais forte.

Pedro: (Olhando para os garotos com determinação) Meus amigos, este galpão será o nosso refúgio, o lugar onde nos uniremos para enfrentar os desafios que estão por vir. Aqui, somos uma família, unidos pelo desejo de encontrar Augusto e enfrentar a injustiça que nos separou.

Garoto 3: (Com entusiasmo) E como faremos isso, Pedro?

Pedro: (Sorrindo) Primeiro, vamos compartilhar nossas habilidades e conhecimentos. Cada um de nós traz algo único para essa missão. Vamos aprender uns com os outros e nos fortalecer.

Garota 2: (Curiosa) E como vamos descobrir onde queriam nos levar e porquê levaram só o Augusto?

Pedro: (Pensativo) Essa é uma pergunta importante. Teremos que nos infiltrar nas sombras, nas

informações dos poderosos. Descobrir quem está por trás disso e onde estão fazendo essas experiências.

Garoto 4: (Com determinação) E se encontrarmos alguém que saiba algo, como conseguiremos que fale?

Pedro: (Olhando sério) Teremos que ser astutos e estratégicos. Usaremos nossa força, nossas habilidades, mas também nossa inteligência.

Mostraremos a eles que estamos dispostos a lutar pela verdade, não importa o que seja necessário.

Após alguns dias de preparação, os garotos descobriram informações sobre um local que poderia conter pistas cruciais: o Palácio dos Duques de Bragança, uma residência da alta realeza portuguesa. Com determinação, eles planejaram sua abordagem, enfrentando inúmeras dificuldades para finalmente chegar à pessoa que poderia ter as respostas que buscavam. Um interrogatório tenso se desenrolou, culminando em uma revelação surpreendente: Augusto estava agora servindo o clero.

Pedro: (Estudando o mapa) O Palácio dos Duques

de Bragança... parece ser o local perfeito para começarmos nossa busca.

Miguel: (Confiante) Concordo. Se há alguém que sabe algo sobre o paradeiro de Augusto, é provável que seja alguém da alta realeza.

Garota 1: (Preocupada) Mas como vamos chegar até lá sem sermos percebidos?

Pedro: (Olhando sério) Vamos nos infiltrar nas sombras, usar nossas habilidades e conhecimentos para passar despercebidos. Será um desafio, mas estamos dispostos a enfrentá-lo.

Garoto 2: (Curioso) E se encontrarmos alguém que possa nos dar informações?

Pedro: (Determinado) Teremos que ser persuasivos, usar nossas astúcias para conseguir o que precisamos. Não importa o quão difícil seja, não vamos desistir.

Miguel: (Olhando o grupo) Estamos prontos para isso. Vamos nos lembrar do nosso propósito e permanecer unidos.

Garoto 3: (Apontando para uma figura distante) Olhem ali, aquele homem parece ter conexões. Vamos abordá-lo.

Pedro: (Aproximando-se do homem) Com licença, senhor. Precisamos de informações sobre alguém que foi levado injustamente. Você pode nos ajudar?

Homem: (Desconfiado) Quem são vocês? Por que deveria ajudá-los?

Pedro: (Calmo) Somos jovens em busca de justiça. Acreditamos que você tem conhecimento sobre o que está acontecendo. Estamos dispostos a fazer o que for preciso para obter respostas.

Homem: (Resistindo) Eu não sei do que estão falando. Não posso ajudá-los.

Garota 2: (Aproximando-se com outros garotos) Talvez você mude de ideia quando souber que temos algo de valor também.

Homem: (Preocupado) O que estão fazendo com minha família?

Garoto 3: (Segurando alguém da família do homem) Não queremos causar mal a ninguém, mas estamos determinados a encontrar respostas. Se cooperar, sua família ficará a salvo.

Homem: (Cedendo) Está bem, está bem! Eu sei de algo. Seu amigo Augusto, ele... ele está servindo o clero agora. É a única coisa que sei.

Enquanto isso, Miguel liderava outro grupo de garotos, enfrentando o imponente exterior da maior catedral de Portugal. O coração de Miguel pulsava com expectativa e tensão enquanto ele e seus companheiros se preparavam para invadir o santuário. Eles sabiam que respostas e possíveis pistas os aguardavam dentro da catedral.

Miguel: (Sussurrando para os garotos) Lembrem-se, fiquem atentos a qualquer sinal de perigo. Vamos nos mover silenciosamente e com cuidado.

Garoto 1: (Olhando para a catedral) É realmente imponente... mas não podemos recuar agora.

Garoto 2: (Preparando-se) Estamos contando com você, Miguel. Você já fez isso antes.

Miguel: (Determinado) Vamos nos dividir em grupos para cobrir todas as saídas. Se encontrarmos algo suspeito, acionem o sinal combinado.

Garoto 3: (Incentivando) Vai dar tudo certo. Vamos encontrar Augusto.

Miguel: (Respirando fundo) Certo, vamos lá. Mantenham a calma e sigam meu exemplo.

(Eles se espalham, entrando sorrateiramente na catedral.)

(Eles se espalham, entrando sorrateiramente na catedral.)

Garoto 4: (Sussurrando) Miguel, olhe lá na frente. Vejo alguém que parece estar observando.

Os momentos finais do capítulo mostraram os garotos diante da majestosa catedral, cercados por guardas que protegiam o seu interior. Miguel, ao avistar alguém que se assemelhava a Augusto, sentiu seu coração acelerar. Determinado a reencontrar seu irmão, ele tentou abordá-lo, mas foi barrado por guardas vigilantes. Augusto, ao virar-se para Miguel, fez um gesto de rejeição, como se não o reconhecesse. Miguel: (Chamando baixinho) Augusto...

Guarda 1: (Interrompendo) O que você está fazendo aqui? Não é permitida a entrada sem autorização de plebeus.

Miguel: (Olhando para Augusto) Por favor, é importante. Preciso falar com ele.

Guarda 2: (Impedindo) Ninguém entra sem permissão. Afastem-se.

Miguel: (Desesperado) Espera, ele é meu irmão! Preciso falar com ele!

Augusto: (Virando-se para Miguel) Não sei quem você é. Saia daqui.

Miguel: (Chocado) Augusto, sou eu, Miguel! Não me reconhece?

Augusto: (Fingindo desinteresse) Não tenho tempo para conversas. Saiam daqui antes que chame mais guardas.

Miguel: (Com lágrimas nos olhos) Augusto, por favor, não pode ser você. Nós viemos te resgatar.

Guarda 3: (Intervindo) Chega! Vocês estão causando um tumulto. Saiam daqui agora.

Miguel: (Aflito) Não acredito nisso... ele não nos reconheceu.

Pedro: (Angustiado) Miguel, o que aconteceu? Por que vocês não entraram?

Miguel: (Desanimado) Pedro, ele não nos reconheceu... Disse que não éramos bem-vindos.

Pedro: (Determinado) Isso não pode ser verdade. Precisamos encontrá-lo. Eu vou até lá agora mesmo.

Miguel: (Preocupado) Pedro, a catedral está guardada. É perigoso.

Pedro: (Resoluto) Eu não me importo com o perigo. Ele é meu irmão, e eu vou encontrá-lo.

Miguel: (Suspira) Você sempre foi teimoso. Vou com você.

(A noite está escura quando Pedro e Miguel saem em direção à catedral, seguidos pelos outros garotos. A medida que eles se aproximam, os guardas avistam a multidão e entram em alerta.)

Guarda 1: (Nervoso) Quem são esses garotos? O que querem?

Guarda 2: (Preocupado) Eles parecem determinados. Devemos avisar os superiores.

(A multidão de garotos continua a se aproximar, determinada. Os guardas entram na catedral e fecham as portas antes que os garotos cheguem, mas isso não os impede. Com força e determinação, os garotos empurram as portas, fazendo-as se abrirem novamente.)

Miguel: (Gritando) Abram essas portas! Nós não vamos desistir!

(Os guardas, vendo a determinação dos garotos, começam a entrar em pânico. Eles não têm tempo para reagir antes que os garotos invadam o interior da catedral.)

Os garotos invadem o santuário, causando confusão

entre os guardas que tentam impedir a entrada, mas são rapidamente superados pela determinação e número dos garotos. No interior da catedral, Augusto está sentado em um imponente trono, cercado por um tapete vermelho que contrasta com a atmosfera sombria do local. Sua cabeça está abaixada, como se estivesse perdido em pensamentos profundos. Pedro avança com passos decididos em direção a Augusto, seu rosto expressando uma mistura de emoções intensas. Ao notar a aproximação de Pedro, Augusto finalmente ergue a cabeça e seus olhos se encontram. Num fim tenso, com os irmãos se encarando, uma infinidade de sentimentos não ditos passando entre eles em um silêncio pesado e cheio de significado.

Garotos da Realeza

A tensão paira no ar da catedral, enquanto Pedro confronta Augusto com sua raiva palpável. Miguel entra na cena, reforçando o descontentamento de Pedro. A expressão de Augusto parece calma, quase indiferente, enquanto ele responde às acusações.

Pedro: (alterado) Olha aqui, como ousa fazer o que fez! Fingir não nos reconhecer? Depois de tudo o que passamos!

(Continua a soltar uma série de palavras exaltadas, expressando sua frustração e confusão.)

Miguel: (concordando com Pedro) Ele tem razão, Augusto... você não pensou em nós e o que é tudo isso? Catedral?

Augusto: (sorrindo) Irmãozinhos... que bom que chegaram! Esperei por este dia, só não sabia que demoraria tanto. Porém, saibam que não posso deixar meu posto, infelizmente. Tenho coisas a cumprir.

Pedro: (confuso) Coisas a cumprir? Que papo é esse, Augusto?

Miguel: (dramático) Seus novos compromissos superaram nós?

Augusto: (explicando) Entendam, não se trata de escolha, o livre arbítrio já não faz parte.

(Augusto mantém sua postura tranquila, mas há um ar de pesar em suas palavras.)

A cena se inicia no salão central, onde Augusto tenta desviar o foco da tensão recente ao notar a entrada de Felícia.

Augusto: (mudando de assunto) Ah, vocês já conheceram minha dama, não é mesmo? Lembram dela?

(Felícia cumprimenta os garotos com um sorriso amigável.)

Felícia: (cumprimentando) Olá, meninos!

Pedro: (frustrado) Então é essa a vida que você tem agora? Conforto, bambinas e o que mais?

Miguel: (ironizando) Deve ser por isso que ele não queria dividir conosco.

Augusto: (fugindo do assunto) E esse pessoal todo aí? Reuniram o exército? (risos).

(Augusto tenta dissipar a tensão com uma piada, mas logo direciona a atenção para os guardas que

estão presentes.)

Augusto: Não sei se terá espaço para todos aqui, mas vou garantir que tenham segurança.

(Augusto aponta para os guardas e instrui que levem os garotos para um palácio real espaçoso. Os cem garotos são conduzidos para fora, alguns deles mostrando resistência e desconfiança. Alguns tentam ameaçar os guardas, enquanto outros até pegam armas deles, demonstrando sua atitude desafiadora.)

Augusto: (convidando) Agora venham, mostrarei um pouco do meu novo lar.

(Os irmãos relutantemente seguem Augusto, cheios de perguntas e sentimentos desconfortáveis.

Enquanto eles caminham pelo palácio, a tensão no ar é palpável, pois eles se encontram em um ambiente completamente diferente do que estão acostumados.

O mistério em torno das verdadeiras intenções de Augusto e as implicações de sua nova vida começam a se desdobrar, deixando os garotos intrigados e ansiosos por respostas.)

A tensão entre eles e Augusto continua presente, enquanto ele os apresenta ao novo ambiente.

(Ao chegarem em frente a um quarto ricamente decorado, Augusto faz a apresentação do lugar.)

Augusto: (apresentando) Aqui serão seus dormitórios.

(Pedro fica abismado diante do luxo do quarto, enquanto Miguel expressa sua dramaticidade ao comentar sobre o que parece ser um abandono por parte de Augusto.)

Pedro: (abismado) Vai nos deixar aqui simplesmente?

Miguel: (dramático) Parece que esperou a vida toda para nos abandonar.

(Augusto responde friamente, não se deixando abalar pelas palavras dos garotos.)

Augusto: (friamente) Exatamente! Agora, saibam de uma coisa; não se aproximem da sala de transcrição.

(Miguel, curioso, questiona o motivo.)

Miguel: (perguntando) Mas por quê? O que tem lá?

(Pedro, com uma expressão séria, complementa a pergunta de Miguel, sugerindo que o problema não está apenas no conteúdo da sala, mas nas ações que ocorrem nela.)

Pedro: (sério) Não percebe, Miguel, não se trata do

que tem lá, mas sim o que acontece no lugar; né, Augusto?

(Augusto escolhe ignorar a pergunta de Pedro, chamando um mordomo para cuidar dos garotos. Ele dá ordens para que sirvam o prato mais chique e preparem uma banheira para eles. Com as instruções dadas, Augusto sai de cena, deixando os garotos sozinhos no quarto com suas inquietações e desconfianças.)

(Os garotos observam a porta se fechar, deixando-os em um quarto opulento, mas também repleto de mistérios. A tensão aumenta, e os garotos precisarão lidar com esse novo ambiente, enquanto as perguntas sem respostas continuam a atormentá-los.)

Cena no Banheiro de Luxo

(Em um banheiro luxuoso, Pedro e Miguel desfrutam de uma banheira com bolhas e pétalas, aproveitando as mordomias do novo ambiente.)

Miguel: (relaxando) Ah, Pedro, isso é vida! Nunca imaginei que estaríamos aqui, em um lugar tão incrível como este.

Pedro: (mais sério) Não se distraia, Miguel.

Lembre-se de por que estamos aqui.

Miguel: (sorrindo) Claro, claro. Mas não custa nada aproveitar um pouco, não é mesmo?

(Pedro olha para Miguel, preocupado.)

Pedro: (sério) Não estamos aqui para aproveitar, Miguel. Estamos aqui para levar Augusto de volta e salvá-lo.

Miguel: (levantando uma sobrancelha) Calma, Pedro. Claro que vamos fazer isso, mas não custa nada desfrutar um pouco das comodidades.

Pedro: (firme) Não podemos nos permitir esquecer o que realmente importa. Augusto pode estar em perigo, e temos a responsabilidade de ajudá-lo.

Miguel: (descontraído) A gente vai ajudar, Pedro. Mas não acho que isso signifique que não podemos nos divertir um pouco no processo.

Pedro: (determinado) Diversão às custas do sofrimento de Augusto não vale a pena, Miguel.

Miguel: (curioso) Sofrimento? Por que você acha que ele está sofrendo?

Pedro: (retoricamente) Você não percebe? Ele está agindo estranhamente, se afastou de nós, de tudo o que éramos. Algo está errado.

(Miguel reflete sobre as palavras de Pedro.)

Miguel: (pensativo) Talvez você esteja certo, Pedro. Mas também não podemos ignorar que estamos aqui, nesse lugar incrível.

Pedro: (cruzando os braços) Não estou dizendo para não aproveitarmos, Miguel. Só quero que tenhamos nossas prioridades claras.

Miguel: (sorrindo) Tudo bem, tudo bem. Acho que posso concordar com você até certo ponto.

(Pegando um pouco de comida, Miguel começa a se distrair, e a cena termina com os dois irmãos refletindo sobre a situação e as escolhas que precisam fazer.)

(Encerramento da cena.)

Cena na Sala de Transcrição

(Miguel, inquieto e curioso, levanta de madrugada e sai do quarto, seguindo seu instinto em direção à misteriosa sala de transcrição. Ao se aproximar da porta, ele percebe uma luz vermelha estranha emanando dela. Ele hesita por um momento, mas sua curiosidade o leva a tentar abrir a porta. Antes que ele possa fazê-lo, um zelador misterioso surge ao lado da porta.)

Zelador: (voz profunda) O que você está fazendo aqui, jovem?

Miguel: (nervoso) Ah, eu... eu estava apenas procurando o banheiro. Me perdi um pouco.

Zelador: (olhando desconfiado) É mesmo? Está bem cedo para andar pelos corredores, não acha?

Miguel: (tentando disfarçar) Sim, eu sei. Desculpe o incômodo.

Zelador: (com um olhar perspicaz) Há algo estranho acontecendo, garoto. Essa sala é reservada para as orações matinais do Papa Gnor Dimondis IV.

Miguel: (fingindo inocência) Orações matinais? Ah, entendi. Desculpe, não sabia.

Zelador: (com um ar misterioso) Não se preocupe, jovem. Mas é melhor não se envolver em assuntos que não lhe dizem respeito.

Miguel: (curioso) Claro, entendi. Apenas procurava o banheiro.

Zelador: (sorrindo enigmaticamente) Tenha cuidado por aqui, Miguel. Nem tudo é o que parece.
(Miguel, sentindo um calafrio, começa a se afastar da sala de transcrição.)

Miguel: (saindo) Vou ter isso em mente. Obrigado,

senhor.

(Zelador observa Miguel enquanto ele se afasta e desaparece pelo corredor.)

(Cena termina com o zelador misterioso olhando na direção que Miguel seguiu, deixando no ar um senso de intriga e mistério.)

(Encerramento da cena.)

Cena no Quarto dos Garotos

(Miguel retorna ao quarto após sua misteriosa incursão à sala de transcrição. Ele tenta fechar a porta silenciosamente, mas um pequeno barulho desperta Pedro.)

Pedro: (sonolento) Miguel? Onde você estava?

Miguel: (nervoso) Ah, só fui ao banheiro, não se preocupe.

(Pedro volta a se acomodar para dormir enquanto Miguel se deita em sua cama. No entanto, um barulho súbito ecoa pelo quarto quando uma pedra é arremessada, quebrando uma janela.)

Pedro: (assustado) O que foi isso?

Miguel: (levantando-se) Não faço ideia.

(Os irmãos correm até a janela e olham para fora, deparando-se com uma multidão enfurecida

segurando tochas e armas.)

Multidão: (gritando) Sabemos a verdade! Não podemos ser enganados!

(Miguel e Pedro trocam olhares perplexos, sem entender o que está acontecendo. Nesse momento, o zelador misterioso entra apressadamente no quarto.)

Zelador: (urgente) Rápido, garotos! Não há tempo a perder. Vocês precisam sair daqui agora!

Pedro: (confuso) O que está acontecendo lá fora?

Miguel: (preocupado) Quem são essas pessoas?

Zelador: (misterioso) Não é seguro ficar aqui. Venham comigo!

(Os garotos hesitam por um momento, olhando para a multidão enfurecida do lado de fora. Finalmente, eles decidem seguir o zelador.)

Pedro: (resoluto) Vamos, Miguel. Temos que descobrir o que está acontecendo.

Miguel: (nervoso) Mas e Augusto? O que ele tem a ver com isso?

Zelador: (enigmático) Algumas verdades são mais obscuras do que imaginamos. Sigam-me se quiserem sobreviver.

(O zelador lidera os garotos para fora do quarto, deixando para trás o caos e a confusão da multidão do lado de fora da janela.)

(Fim da cena, com um senso de urgência e mistério pairando no ar.)

Cena na Sala Subterrânea

(Os garotos são levados por corredores escuros e sinuosos, guiados pelo enigmático zelador. Eles fazem perguntas, tentando entender a situação.)

Miguel: (curioso) O que é esse lugar? Por que estamos sendo levados para cá?

Zelador: (enigmático) Todas as respostas que buscam estão escondidas nas sombras, jovens viajantes.

Pedro: (frustrado) Isso não é uma resposta! Quem é você afinal? E o que você sabe sobre Augusto?

Zelador: (misterioso) As peças do quebra-cabeça logo se encaixarão, mas a jornada é longa e perigosa.

(No entanto, os garotos ignoram o aviso do zelador e se aproximam cautelosamente do papa e de Augusto, que estão no topo da escada. A multidão do lado de fora da sala subterrânea está agitada e a voz do papa começa a soar em um esforço para acalmá-la.)

Papa: (gritando) Meus filhos, eu entendo a angústia que carregam em seus corações! Mas tenham paciência e ouçam a minha voz!

(A multidão continua agitada, ignorando as palavras do papa.)

Miguel: (preocupado) Eles não parecem estar se acalmando...

Pedro: (observando) Espere, olhe para Augusto. Ele parece calmo...

(Zelador observa a cena com um olhar preocupado. De repente, Augusto desce as escadas calmamente, ordenando que os guardas se afastem.)

Augusto: (com voz firme) Meus queridos súditos, por favor, permitam-me falar!

(Augusto começa a rir suavemente, enquanto a multidão fica em silêncio, intrigada.)

Augusto: (sarcasticamente) Ah, sim, todos vocês vieram me buscar. Tão ansiosos para me ver, não é mesmo? Que honra!

(A multidão fica confusa, enquanto Augusto continua a falar de maneira irônica e sarcástica, zombando da multidão e de suas motivações.)

Pedro: (sussurrando) Ele está manipulando a

multidão...

Miguel: (assustado) Eles estão pendendo cada vez mais para o lado dele!

(Zelador olha para os garotos com seriedade, enquanto a situação se desenrola diante deles.)

(A cena termina com Augusto mantendo o controle sobre a multidão com suas palavras afiadas e sarcásticas, enquanto os garotos observam a situação com preocupação e desconfiança.)

Cena na Sala Subterrânea (Continuação)

(Os garotos continuam hesitantes na entrada da sala subterrânea, observando a cena se desenrolar no andar de cima.)

Miguel: (sussurrando) Isso está ficando cada vez mais estranho... O que está acontecendo lá em cima?

Pedro: (preocupado) Parece que a multidão está inquieta. E o papa... Ele parece estar tentando acalmá-la.

(Zelador observa os garotos com um olhar sério, enquanto eles continuam observando.)

Augusto: (calmamente) Meus súditos, não precisam se preocupar. Eu estou aqui para esclarecer todas

as dúvidas.

(Pedro e Miguel trocam olhares, ainda indecisos sobre o que fazer.)

Zelador: (urgente) Jovens, eu lhes imploro, afastem-se! Vocês não devem se envolver nisso.

(Pedro e Miguel ignoram o aviso do zelador e começam a se aproximar da escada que leva ao andar de cima.)

Miguel: (decidido) Precisamos saber o que está acontecendo. Não podemos ficar aqui sem entender nada.

(Por um momento, tudo parece congelar enquanto os garotos se aproximam da escada. De repente, um braço decepado voa na direção deles e cai no chão, causando um impacto chocante.)

Pedro: (surpreso) O que diabos foi isso?!

Miguel: (atordoado) Um braço... caiu do nada!
(Zelador olha para o braço decepado e depois para os garotos, com uma expressão de advertência.)

Zelador: (gravemente) Eu disse para não se aproximarem... Agora vocês viram.

(Augusto, que havia descido as escadas, agora está próximo dos garotos, observando a cena.)

Augusto: (calmamente) Não fiquem preocupados. Isso foi apenas um aviso. Agora, por favor, entrem na sala subterrânea. Há muito o que explicar.

(Pedro e Miguel ainda estão atordoados pelo que acabaram de presenciar, mas a curiosidade e a necessidade de respostas os impulsionam a finalmente entrarem na sala subterrânea.)

(Zelador olha para os garotos com uma expressão sombria, enquanto Augusto se dirige para dentro da sala subterrânea, seguido por Pedro e Miguel.)

(A cena termina com os garotos entrando na sala subterrânea, com suas mentes cheias de perguntas e incertezas sobre o que estão prestes a descobrir.)

Cena na Sala Subterrânea (Continuação)

(A sala subterrânea é iluminada por tochas nas paredes, criando sombras dançantes que dão uma sensação misteriosa ao ambiente. Esqueletos e caveiras adornam os cantos, conferindo uma atmosfera de antiguidade e mistério. No centro da sala, há um pedestal de pedra, sobre o qual repousa um cristal brilhante e translúcido.)

Pedro: (irritado) O que diabos está acontecendo aqui, Augusto? E o que foi aquilo lá fora? Um braço

decepado?!

Miguel: (dramaticamente) Bem-vindos ao covil das respostas, irmãos. Um lugar onde os segredos são escondidos sob as sombras da escuridão.

Augusto: (indiferente) Tenham calma, garotos. Tudo será explicado em devido tempo.

Miguel: (dramático e irônico) Ah, claro, em "devido tempo". Afinal, estamos apenas no meio de um monte de esqueletos e mistérios sombrios.

(Pedro olha ao redor, notando os elementos sinistros do ambiente.)

Pedro: (frustrado) Você acha isso engraçado, Miguel? Nós estamos no meio de algo muito sério e você só faz piadas!

Miguel: (caçoando) Oh, desculpe-me, príncipe Pedro, por não estar devidamente sombrio e assustado com as caveiras. A propósito, você viu aquela mão que voou na nossa frente? Isso é o que eu chamo de "pegar algo à mão".

(Pedro revira os olhos, exasperado com o comportamento de Miguel.)

(Zelador observa tudo com seriedade, enquanto os garotos continuam explorando o ambiente. Eles se

aproximam de um esqueleto que segura um cristal brilhante em uma de suas mãos.)

Miguel: (curioso) Olhem isso, o que é esse cristal?
(Zelador imediatamente alerta Miguel para sair de perto.)

Zelador: (urgente) Jovem, afaste-se disso imediatamente! Você não deveria tocá-lo.

(Miguel não escuta o aviso do zelador e toca no cristal. Ele começa a sentir tontura, seu nariz começa a escorrer e seu rosto fica coberto de suor.)

Miguel: (confuso) O que... o que está acontecendo comigo?

(Zelador se aproxima rapidamente de Miguel.)

Zelador: (preocupado) Eu disse para você não tocar. Isso é o que pode deter aqueles que se rebelaram.

(Pedro estava prestes a perguntar quem eram "aqueles que se rebelaram", quando algo chama a atenção de Miguel. Ele vê um símbolo antigo gravado em uma parede próxima.)

Miguel: (hipnotizado) Olhem para isso... é um símbolo tão estranho.

(Pedro se vira para olhar o símbolo e, antes que ele possa dizer algo, Miguel toca nele.)

Zelador: (irritado) Deixe de ser metido, garoto!

(Ao tocar no símbolo, Miguel parece ser atingido por uma onda de energia. Ele treme e então desmaia, caindo no chão.)

Pedro: (furioso) O que você fez com ele? O que é isso?
(Zelador olha para Miguel caído e depois para Pedro, com uma expressão séria.)

Zelador: (explicando) Ele tocou em um artefato sagrado, uma antiga proteção. É o que afasta aqueles que não têm o direito de estar aqui.

(Augusto se aproxima do cristal, olhando-o com interesse.)

Augusto: (indiferente) Não foi o artefato que o afetou, zelador. Foi o cristal.

(Pedro olha confuso para Augusto.)

Pedro: (questionando) O que você quer dizer com isso?

(Augusto pega o cristal com cuidado, examinando-o de perto.)

Augusto: (explicando) Este cristal é mais do que parece. Ele tem propriedades únicas, e parece que Miguel foi sensível a elas.

(Pedro fica ainda mais confuso.)

Pedro: (frustrado) Propriedades únicas? Pode parar com os enigmas e explicar de uma vez por todas!

(Augusto olha para Pedro com um sorriso enigmático.)

Augusto: (enigmático) Vamos descobrir juntos, príncipe Pedro. As peças do quebra-cabeça estão começando a se encaixar.

(A cena termina com Pedro olhando para Augusto, cheio de questionamentos e incertezas sobre o que está acontecendo.)

Cena na Busca do Monge

(A cena se inicia com Augusto segurando Miguel desmaiado nos braços, enquanto se aproxima do papa.)

Augusto: (preocupado) Santo Padre, nos ajude! Meu irmão está gravemente mal.

Papa: (sereno) Há um lugar onde vocês podem encontrar a cura que ele precisa. No Monte Sagrado de Santa Teresa. Lá reside o Monge Ezequiel, um sábio com conhecimentos ancestrais.

Augusto: (determinado) Iremos imediatamente. Onde fica esse monte?

Papa: (indicando) Siga a rota das estrelas na constelação de Órion e encontrará o caminho.

(Pedro, ainda furioso com Augusto, não pode deixar de expressar sua raiva.)

Pedro: (com raiva) Tudo isso não teria acontecido se você tivesse ido embora comigo quando eu pedi!

Augusto: (calmo) Pedro, agora não é hora para culpas. Vamos salvar Miguel.

(Miguel, ainda meio atordoado, acorda brevemente e olha ao redor com curiosidade.)

Miguel: (distráido) Oh, veja só, estamos em uma aventura e eu estava dormindo. Que emoção!

(Pedro olha para Miguel, frustrado.)

Pedro: (irritado) Miguel, isso não é uma brincadeira! Você está em perigo!

(Miguel olha para Pedro, percebendo a gravidade da situação e desmaia novamente.)

(Pedro, Miguel e Augusto partem em direção ao Monte Sagrado de Santa Teresa. Enfrentam ventos e obstáculos no caminho, mas a determinação deles é forte.)

(A cena corta para os garotos chegando ao topo do

Monte Sagrado de Santa Teresa, um local místico e sereno. Eles encontram um templo antigo e entram.) (Dentro do templo, eles se deparam com um homem idoso com vestes de monge, que se vira para encará-los.)

Monge Antônio: (com serenidade) Bem-vindos, Augusto, Pedro e Miguel. Eu sabia que chegariam até aqui.

Cena: Processos Curativos do Irmão
(Pedro olha surpreso para o monge.)

Pedro: (questionando) Como você sabia que estaríamos aqui?

Monge Antônio: (sorrindo suavemente) O universo tem suas maneiras de guiar aqueles que buscam a verdade. Miguel precisa de minha ajuda, não é verdade?

(Augusto assente, segurando Miguel cuidadosamente.)

Augusto: (preocupado) Sim, ele está gravemente ferido. Por favor, Monge Ezequiel, você pode ajudá-lo?
(Monge Antônio olha para Miguel e fecha os olhos por um momento, como se estivesse se

conectando a algo maior.)

Monge Antônio: (calmamente) Há um desequilíbrio em sua energia vital, mas posso trabalhar para restaurá-la. No entanto, a jornada não será fácil.

(Miguel começa a recuperar a consciência, confuso e fraco.)

Miguel: (sussurrando) Onde estamos?

Monge Antônio: (gentilmente) Você está seguro, meu jovem. Eu o ajudarei a se curar.

(A cena continua com o Monge Antônio realizando rituais de cura em Miguel. No entanto, conforme os rituais avançam, Miguel começa a se sentir ainda mais fraco e tonto.)

Miguel: (lutando) Eu... eu não sei se posso aguentar...

Augusto: (preocupado) Miguel, você precisa se manter forte!

Pedro: (ansioso) Monge, o que está acontecendo com ele?

Monge Antônio: (concentrado) A cura está revelando as feridas internas de Miguel. Seu espírito está passando por uma purificação profunda. Não se preocupem, isso é parte do processo.

(Miguel, incapaz de resistir à intensidade da cura, desmaia novamente.)

Augusto: (desesperado) Miguel! O que você está fazendo com ele?

Monge Antônio: (calmamente) Ele está sendo purificado, meu filho. É uma jornada que ele deve enfrentar para se curar completamente.

(Pedro olha para Miguel com preocupação e determinação.)

Pedro: (firme) Então, vamos apoiá-lo nessa jornada, não importa o que aconteça.

(A cena termina com os garotos reunidos ao redor de Miguel, enquanto o Monge Antônio continua a realizar os rituais de cura, guiando Miguel em sua jornada de purificação interna.)

Cena: A Erva Sagrada da Cura

(A cena começa com Miguel ainda fraco e desmaiado, enquanto Pedro e Augusto cercam o Monge Antônio, exigindo explicações.)

Pedro: (furioso) Fale a verdade, monge! O que está acontecendo com meu irmão?

Augusto: (firme) Não vamos mais tolerar jogos de palavras. Diga-nos a verdade.

Monge Ezequiel: (com calma) Meus jovens, a cura é um processo complexo. Miguel está passando por uma purificação profunda para se libertar das energias negativas que o afligem.

Augusto: (olhando fixamente para o monge) Você está escondendo algo, Ezequiel. Não podemos mais suportar suas mentiras. Você quer matá-lo!

Monge Ezequiel: (tentando disfarçar) Meus jovens, a jornada de cura de Miguel é complexa. Ele está passando por um processo de purificação espiritual. (Pedro não se convence e parte para cima do monge, mas Augusto segura suas mãos com firmeza.)

Augusto: (olhando nos olhos do monge) Não tente esconder a verdade, Ezequiel. Nós sabemos que você está tentando nos enganar.

Monge Ezequiel: (hesitante) Está bem, está bem. Existe uma erva rara conhecida como "Herba Sancta" que pode acelerar a cura de Miguel.

Pedro: (impatientemente) Onde podemos encontrar essa erva?

Monge Ezequiel: (revelando) Ela cresce nas profundezas da Floresta das Almas, uma floresta sombria e perigosa.

(Pedro se prepara para sair, mas Augusto o detém.)

Augusto: (calmamente) Ezequiel, você nos disse onde encontrar a erva, mas ainda não nos contou toda a verdade.

Monge Ezequiel: (visivelmente desconfortável) O que você quer dizer?

Augusto: (persuasivamente) Sei que você está escondendo algo mais. Miguel não está apenas passando por uma purificação espiritual. O que está acontecendo?

(Monge Ezequiel hesita por um momento, seu olhar vacila.)

Monge Ezequiel: (sussurrando) Há uma profecia antiga que envolve Miguel. Diz que ele é uma peça crucial em um evento que pode mudar o destino de nosso mundo.

Pedro: (frustrado) O que isso tem a ver com a cura de Miguel?

Monge Ezequiel: (olhando para Miguel) A cura dele é uma parte essencial dessa profecia. Ele deve se recuperar para cumprir seu papel.

(Augusto e Pedro trocam olhares preocupados.)

Pedro: (decidido) Então vamos buscar essa erva

imediatamente.

(A cena termina com Pedro, Augusto e Miguel saindo do templo, determinados a encontrar a "Herba Sancta" na Floresta das Almas. No entanto, quando estão um pouco distantes do templo, uma explosão irrompe atrás deles, fazendo-os se virarem.)

Pedro: (aterrorizado) O templo está pegando fogo! O que você fez, Augusto?

Augusto: (olhando paralisado) Eu não fiz isso! Alguém está tentando nos matar!

(Pedro percebe a verdade nas palavras de Augusto. Ele agora compreende como Augusto usa sua habilidade de persuasão para descobrir a verdade e percebe que eles estão enfrentando um inimigo perigoso.)

Herba Sancta

Cena 1: A Jornada nas Profundezas

(Cenário: Uma trilha trilhada e rochosa, cercada por árvores altas e vegetação densa. Augusto e Pedro continuam sua jornada em busca da Herba Sancta. A tensão entre eles ainda é palpável após as discussões anteriores.)

Pedro: (frustrado) Isso é um absurdo, Augusto! Você realmente acredita que essa planta mágica pode salvar Miguel?

Augusto: (firme) Eu entendo suas dúvidas, Pedro, mas temos que tentar. Miguel está sofrendo, e esta é a única esperança que temos.

Pedro: (sarcasticamente) Claro, a única esperança. E se tudo isso for apenas uma perda de tempo? E se a tal Herba Sancta não passar de uma farsa?

Augusto: (olhando para Pedro com a experiência) Eu vi o que Miguel passou, Pedro. Eu o vi definir diante dos nossos olhos. Não podemos simplesmente desistir.

(Eles continuam a caminhar pela trilha, enfrentando obstáculos naturais como pedras escorregadias e galhos no caminho.)

Pedro: (murmurando) E se encontrarmos essa tal planta? Como saberemos como usá-la?

Augusto: (pensativo) Precisamos pesquisar, talvez encontrar um especialista em ervas ou alguém que conheça os segredos da Herba Sancta.

Pedro: (cético) E enquanto isso, Miguel continua sofrendo...

(Eles chegam a um desvio na trilha, onde a vegetação se torna mais densa e orgânica.)

Augusto: (olhando ao redor) Parece que estamos nos aproximando de uma área mais selvagem da floresta. A lenda diz que a Herba Sancta cresce em lugares onde o espírito da natureza é mais forte.

Pedro: (resmungando) Lendas... não passam de histórias vazias para nos iludir.

(Enquanto avançam, o som de água corrente se torna audível. Eles se aproximam de um riacho que corta o caminho.)

Augusto: (apontando para o riacho) precisamos atravessar isso. Parece fundo, mas a correnteza

não parece forte.

Pedro: (cruzando os braços) E se tivesse criaturas aquáticas escondidas aí embaixo, esperando para nos puxar?

Augusto: (suspirando) Pedro, já enfrentamos tantos desafios até agora. Vamos superar isso também.

(Eles retiram as botas e começam a atravessar o riacho cuidadosamente, sentindo a água gelada em seus pés. A correnteza é mais forte do que parecia, mas eles conseguem chegar ao outro lado com dificuldade.)

Pedro: (ofegante) Isso é ridículo. Estamos nos arriscando por causa de uma planta que nem sabemos se existe.

Augusto: (enxugando os pés) Eu entendo suas dúvidas, Pedro, mas precisamos ter fé. Se não tentarmos, nunca saberemos.

(Eles continuam a trilha, agora mais certos do que nunca. A floresta parece se fechar ao seu redor, como se entrando em um reino mágico e desconhecido. A cena termina com eles avançando na jornada, seus passos ecoando pela floresta silenciosa.)

Cena: O Encontro Providencial

(Cenário: A floresta se abre em um claro, onde a luz do sol penetra entre as árvores altas. Augusto e Pedro continuam sua busca pela Herba Sancta, ainda em meio a conflitos e sofrimentos. Eles avistam uma pequena clareira e veem um senhorzinho colhendo plantas com cuidado.)

Pedro: (murmurando) Olhe ali, Augusto. Será que ele sabe onde encontrar uma Herba Sancta?

Augusto: (esperançoso) Talvez seja alguém que conheça as plantas da região. Vamos abordá-lo.

(Augusto e Pedro se aproximam do senhorzinho com cautela. O senhorzinho parece estar em sintonia com a natureza, colhendo as plantas com delicadeza.)

Senhorzinho: (cumprimentando-os) Boa tarde, meus jovens. Estão em busca de algo especial?

Augusto: (prontamente) Sim, estamos procurando a Herba Sancta. Nosso irmão está doente e precisamos dela para curá-lo.

Senhorzinho: (assentindo compreensivamente) Ah, a Herba Sancta, a planta sagrada da cura. Vocês têm uma missão nobre em mãos.

Pedro: (cético) E você sabe onde podemos encontrá-la?

Senhorzinho: (sorrindo misteriosamente) A natureza nos guia de maneiras misteriosas. Venham, meus jovens, vou mostrar o caminho.

(O senhorzinho começa a se mover na direção de uma pequena casa modesta, localizada a alguns passos dali. Augusto carrega Miguel em seus braços enquanto segue o senhorzinho. Eles entram na casa, onde encontram um ambiente acolhedor e aconchegante.)

Senhorzinho: Coloquem seu irmão aqui. Vou preparar algo que pode ajudá-lo.

(Augusto coloca cuidadosamente Miguel em uma cama enquanto o senhorzinho começa a preparar uma infusão de ervas.)

Pedro: (ansioso) Vai ficar tudo bem, Miguel. Aguenta firme.

(Enquanto o senhorzinho trabalha, Pedro se aproxima de Miguel e segura sua mão.)

Pedro: (com voz suave) Você vai superar isso, Miguel. Nós estamos aqui com você.

(Miguel parece estar em um sono profundo, mas sua ginástica fica mais calma à medida que o senhorzinho termina a preparação. Ele entrega o

chá a Augusto.)

Senhorzinho: Dê isso a ele. A Herba Sancta pode ser a resposta que vocês procuram.

(Augusto segura o copo com cuidado e gentileza aproxima o líquido dos lábios de Miguel. Miguel bebe a infusão com dificuldade, mas parece relaxar à medida que o chá faz efeito.)

Augusto: (com esperança) Ele vai ficar bem agora.
(Após um momento de silêncio tenso, os olhos de Miguel começam a se abrir lentamente. Ele olha em volta, parecendo confuso por um instante, mas logo reconhece seus irmãos.)

Miguel: (sussurrando fraco) Augusto... Pedro...

Pedro: (com emoção) Miguel! Você está acordado!

Senhorzinho: (sorrindo gentilmente) A família é um tesouro inestimável, não é?

(Miguel sorri fracamente, parecendo ainda fraco, mas consciente. A cena termina com os três irmãos reunidos na casa do senhorzinho, em um momento de alívio e esperança.)

Cena: Fuga Desesperada

(Cenário: A casa do senhorzinho, um ambiente aconchegante e iluminado pelo sol. Miguel

está acordando lentamente na cama enquanto Augusto, em um estado de alerta, se aproxima da porta. Pedro observa com preocupação.)

Miguel: (com voz fraca) Onde... onde estamos?

Augusto: (sussurrando) Miguel, você está acordado. precisamos sair daqui agora.

Pedro: (confuso) Espera, o que está conectado? Por que temos que sair?

Augusto: (apressado) Pedro, não temos tempo para explicar agora. Confie em mim, precisamos sair dessa casa imediatamente.

Pedro: (preocupado) Augusto, você está agindo estranho. O que está conectado?

Augusto: (olhando para a porta com apreensão)

Pedro, escute. Nós não estamos mais seguros aqui. Há homens atrás de nós, eles nos encontraram.

Pedro: (alarmado) Homens? Quem são eles?

Augusto: (determinado) Não podemos perder tempo discutindo isso agora. Vamos sair daqui e eu vou te explicar no caminho. Pegue Miguel, vamos.

(Augusto pega Miguel nos braços enquanto Pedro ajuda Miguel a se levantar com cuidado. Eles se despedem do senhorzinho com gratidão e pressão.)

Miguel: (fraco, olhando para o senhorzinho) Muito obrigado por nos ajudar.

Senhorzinho: (sorrindo gentilmente) A sorte esteve do lado de vocês hoje. Cuide bem de sua família, jovens.

(Os três irmãos saem da casa apressadamente e começam a se afastar da área, entrando de volta na floresta densa. Enquanto eles caminham, Augusto finalmente fala com urgência.)

Augusto: Pedro, o Papa... ele nos traiu. Enviou homens atrás de nós. Queria nos matar, a você e a Miguel.

Pedro: (chocado) O quê? Isso não faz sentido, por que o Papa faria isso?

Augusto: (mentindo) Eu não sei os motivos exatos, mas sei que não podemos confiar mais nele. Ele é perigoso, Pedro.

Miguel: (ainda fraco) E os outros irmãos? Eles estão em perigo também?

Augusto: (mentindo) Não, Miguel. Eles estão a salvo, nós vamos encontrá-los e mantê-los protegidos.

Pedro: (esperançoso) Espero que você esteja falando a verdade, Augusto.

(Enquanto continuam a caminhar, os irmãos guardam olhares preocupados, mas certos. A floresta ao redor deles parece densa e misteriosa, escondendo ameaças e segredos ainda desconhecidos. A cena termina com eles seguindo adiante, unidos por uma busca pela verdade e pela sobrevivência.)

Cena 2: Trama Revelado

(Cenário: O interior sombrio e majestoso da catedral. O Papa, com um olhar sombrio, está diante de um grupo de guardas, todos trajando roupas escuras e expressões expressivas.)

Papa: (voz baixa e intensa) O tempo está se esgotando. Eles descobriram o nosso plano. É tarde demais para recuar agora.

Guarda 1: (preocupado) Sua Santidade, o que devemos fazer?

Papa: (com uma experiência implacável) Não temos escolha a não ser adiante. Eles são uma ameaça para o nosso domínio e para a ordem que estabelecemos. Devemos eliminá-los.

Guarda 2: (perplexo) Mas, Sua Santidade, eles são sua família... seus próprios irmãos.

Papa: (com freeza) Não se enganem. Eles se

tornaram contra nós, contra a nossa fé. São traidores, e a traição não será tolerada.

(O Papa se vira para a imensa janela da catedral, olhando para fora com um olhar pensativo.)

Papa: (murmurando) Eu os chorei, os guiei... e eles se arrependeram contra mim. É triste, mas necessário.

Guarda 3: (corajoso) E se eles conseguirem encontrar uma Herba Sancta antes de nós?

Papa: (com um sorriso sinistro) Não se preocupem. Eu tenho homens em movimento. Eles serão caçados onde quer que vão. E, quando forem encontrados, não haverá misericórdia.

(A cena termina com a catedral mergulhada em sombras, o som dos passos dos guardas ecoando pelo espaço enquanto eles partem para executar as ordens do Papa.)

Cena: Refúgio Tumultuado

(Cenário: Um esconderijo sombrio e desgastado, onde os irmãos chegaram em busca de segurança. Lá dentro, a atmosfera é tensa e carregada de emoções.)

Pedro: (entrando furioso) Ah, é aqui que você esconde

os outros irmãos, Augusto? (diz com ironia)

Augusto: (cansado e sério) Pedro, precisamos nos proteger antes de tudo. Não sei o que aconteceu com os outros, mas... à essa altura já morreram!

Miguel: (dramático) É assim que você cuida dos seus, Augusto? Com tanta consideração?

Pedro: (olhando Miguel com raiva) Você ouviu, Miguel? Augusto só pensa no bem da humanidade, mas nos próprios irmãos, ele não se importa.

Augusto: (defensivo) Não é isso, Miguel. Eu sei que é difícil entender, mas...

Miguel: (interrompendo) Dificuldade em entender? Não, Augusto, é impossível entender como você pode ser tão frio com os próprios laços de sangue.

Pedro: (cruel) Miguel, meu irmão, é assim que ele é. Ele só vê o que quer ver, só pensa nos outros. Os irmãos são apenas um detalhe insignificante para ele.

Miguel: (frustrado) Eu entendo a necessidade de sobreviver, mas não podemos simplesmente abandonar nossa família.

Pedro: (com desdém) Família? Para Augusto, a humanidade inteira é sua família, menos nós.

Augusto: (fingindo tristeza) Miguel, eu... (pausa, suspira) Eu entendo sua dor. Nós não sabemos o que aconteceu com os outros, mas precisamos garantir nossa própria segurança primeiro.

(A cena termina com Pedro saindo do esconderijo, Miguel olhando entre Augusto e a saída, lutando com suas emoções, antes de finalmente seguir Pedro. O esconderijo fica vazio e silencioso, restando apenas a sombra da difícil decisão que foi tomada.)

Cena: Perseguição Implacável

(Cenário: O templo de Ezequiel, agora em ruínas após a explosão, destroços ocorridos por todo lado. Oito guardas papais entrelaçados, com expressões determinadas, procurando por pistas. Ezequiel, com aspecto cansado e ferido, está no centro da destruição.)

Guarda 1: (olhando ao redor) Onde eles estão? Onde estão os Caídos?

Ezequiel: (ofegante) Nesse ponto, eles devem ter alcançado a catedral.

Guarda 2: (aproximando-se de Ezequiel) Você não vai sair impune, traidor.

(aponta a espada para o pescoço de Ezequiel)

Ezequiel: (levanta as mãos em sinal de rendição)
Calma, calma. Eu tenho informações que podem ser valiosas para o papa.

Guarda 1: (cético) Informações valiosas? O que você pode nos dizer?

Ezequiel: (com esforço) Eu os vi. Vi os Caídos com meus próprios olhos. O homem que vocês estão procurando, Miguel... ele foi curado. Eles têm a Herba Sancta.

Guarda 2: (surpreso) Herba Sancta? Você tem certeza disso?

Ezequiel: (assente fracamente) Sim, tenho certeza. O homem que eles encontraram usou a erva para curar Miguel.

Guarda 1: (olhando para o outro guarda) Pode ser verdade. Talvez ele possa ser útil para o papa.

Ezequiel: (desesperado) Eu posso ser útil, eu juro! Eu sei coisas que podem ajudar a encontrar os Caídos, a deter o plano deles.

Guarda 2: (relutante) Tudo bem, vamos levar-lo conosco. Mas se você tentar qualquer truque, vai se arrepender.

(Os guardas saem do templo, levando Ezequiel com

eles. Ezequiel lança um último olhar para os destroços ao redor e sussurra:)

Ezequiel: (baixo) A última peça está prestes a ser mexida... e tudo será desencadeado.

(A cena termina com Ezequiel sendo levado pelos guardas, enquanto as sombras do mistério e da intriga pairam sobre o templo em ruínas.)

Cena 5: Às Portas da Catedral

(Cenário: A imponente catedral com suas altas torres e seguiu majestosos. Pedro e Miguel, com expressões determinadas, se aproximam do portão principal.)

Miguel: (ansioso) O que faremos agora, Pedro? O que está passando pela sua mente?

Pedro: (olhando para a catedral) Nós vamos nos entregar, Miguel.

Miguel: (surpreso e dramático) Nos entregamos? Mas isso... isso significa que...

Pedro: (interrompendo, com fúria nos olhos) Significa que estamos dispostos a arriscar tudo por nossos irmãos. Você prefere salvar a si mesmo ou preferiria que os outros Caídos também fossem capturados?

Miguel: (caba e consente) Você está certo, Pedro.

Estamos juntos nessa.

(Eles continuam a caminhar em direção aos seguidos da catedral. Ao chegarem, os guardas papais aparecem, bloqueando o caminho.)

Guarda 1: (levantando a espada) Onde vocês pensam que estão indo?

Pedro: (erguendo as mãos pacificamente) Estamos aqui para nos entregar. Queremos ver o papa.

Guarda 2: (desconfiado) Se render? Isso é algum tipo de truque?

Miguel: (com firmeza) Não é um truque. Queremos falar com o papa, pessoalmente.

Guarda 1: (olhando para o outro guarda) Eles têm coragem, devo admitir. Muito bem, sigam-nos. Mas não tente nada engraçado.

(Os guardas abrem os seguem e conduzem Pedro e Miguel pelo interior da catedral. Eles passam por corredores grandiosos e salões majestosos até chegarem a uma sala opulenta onde o papa está sentado em seu trono.)

Papa: (com uma expressão fria) O que temos aqui? Mais dois Caídos em busca de misericórdia?

Pedro: (ajoelhando-se) Papa, viemos nos render.

Estamos dispostos a cooperar.

Miguel: (ajoelhando-se também) pedimos a sua indulgência e a oportunidade de falar com o senhor.

Papa: (observando-os com desconfiança) Falar? Sobre o quê?

Pedro: (olhando diretamente nos olhos do papa) Sobre o plano que ameaça não só a nós, mas a toda a humanidade. O senhor precisa ouvir o que temos a dizer.

(O papa avalia Pedro e Miguel por um momento, e então acena com a mão para os guardas, permitindo que eles falem. A cena termina com os irmãos Caídos diante do papa, pronta para revelar a verdade que pode mudar o rumo dos acontecimentos.)

Cena 6: O Palácio da Perdição

(Cenário: O interior majestoso e sombrio do palácio dos Caídos. Os corredores estão repletos de caos e confusão. Cem irmãos estão sendo perseguidos por homens armados com lâminas enigmáticas de pedra azul. Sangue mancha as paredes e o chão.)

Narrador: No palácio dos Caídos, a batalha pela sobrevivência sobreviveu seu auge. Cem irmãos estão encurralados, lutando contra um inimigo implacável.

Homens vestidos de preto, com lâminas misteriosas em suas mãos, caçam os Caídos como feras em um labirinto de pedra e sombras.

(A cena muda para um monte próximo ao palácio. Um homem solitário está de pé, observando a carnificina que se desenrola abaixo. Ele tem uma aura misteriosa e uma intensidade intensa em seus olhos.)

Homem Misterioso: (para si mesmo) Chegou a hora de intervir. Eles não podem ser deixados à mercê desses assassinos.

(O homem misterioso ergue as mãos e começa a murmurar palavras antigas e obscuras. O vento ao redor dele começa a se agitar, e as nuvens no céu se movem de forma estranha.)

(De volta ao palácio, os Caídos continuam a lutar, muitos feridos e exaustos.)

Irmão 1: (ofegante) precisamos de ajuda, estamos sendo encurralados!

Irmã 1: (determinada) Não podemos desistir agora! Lutaremos até o fim!

(De repente, uma onda de energia mágica envolve o palácio. Os homens com lâminas azuis são

lançados para trás, surpresos e desorientados.)

Irmão 2: (olhando ao redor, incrédulo) O que... o que está conectado?

Irmã 2: (apontando para o céu) Olhem!

(Todos os Caídos olham para cima e veem um espectro de luz brilhante descendo do céu, envolvendo o palácio em um brilho celestial. O homem misterioso está no centro dessa luz, com os olhos emitindo um brilho intenso.)

Homem Misterioso: (voz firme) Não temas. Estou aqui para ajudá-los.

(O homem misterioso estende as mãos e a luz ao redor dele se intensifica. Um escudo mágico se forma ao redor do palácio, repelindo os atacantes e protegendo os Caídos.)

Irmão 3: (em choque) Quem é ele? De onde veio?

Irmã 3: (com escritos) Não sei, mas ele nos salvou!

(Os homens com as lâminas azuis tentam atacar novamente, mas são impedidos pela barreira mágica. O homem misterioso olha para os Caídos com espiritualidade.)

Homem Misterioso: (com voz firme) A batalha não acabou. Lutem por sua sobrevivência e pela